

A contribuição social da universidade e do desenho industrial para a sociedade:

A criação de uma nova ferramenta de trabalho para as quebradeiras de coco de babaçu do Médio Mearim, Estado do Maranhão, Brasil.

Aurilu Lopes, Esmeralda Rizzo, Ines M. Minardi
Rosana Schwartz e Nara Martins
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Este projeto de pesquisa pretende desenvolver uma ferramenta de trabalho para as mulheres quebradeiras de coco de babaçu, bem como discutir e questionar a presença das relações de gênero no agroextrativismo e nas propostas de valorização do meio ambiente e do ser humano, realizado da região do Médio Mearim, Estado do Maranhão, municípios de Lago do Junco, Lago dos Rodrigues, e Esperantinópolis, comunidade de Ludovico, Brasil, por meio da Associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão (ASSEMA).

A participação das mulheres quebradeiras de coco de babaçu nessa associação é resultado de anos de luta por melhores condições de vida e de trabalho, processos de emancipação, experiência vivida e de resignificação da identidade feminina, conhecimentos, saberes e organização em movimentos sociais.

A temática de gênero e agricultura familiar vem sendo implementada em conjunto com o planejamento de produção agroextrativista, por meio de seminários com as fa-

mílias que integram o sistema desenvolvidos pela ASSEMA a cerca de doze anos.

A ASSEMA é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, de caráter regional, que tem por objetivo fortalecer as famílias trabalhadoras rurais que sobrevivem do agroextrativismo, para reivindicar e propor, junto ao poder público e à iniciativa privada, formas de desenvolvimento sustentável.

As mulheres da região descendentes diretas de indígenas, mantém o trabalho tradicional na agricultura familiar, artesanato e a cultura local desde a colonização.

A partir da organização da ASSEMA novas perspectivas, de inclusão feminina no mercado de trabalho foi construída e conquistada pelas quebradeiras.

Assim, a participação dessas mulheres na produção da região não só destaca-se pelo trabalho na roça, mas por meio de propostas de estudos sobre o desenvolvimento sustentável, prática do extrativismo, preservação da floresta secundária que cobre cerca de dez mil hectares com babaçuais e principal-

mente, sobre a valorização do ser humano, direitos fundamentais e cultura local.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a da história social, oral e de gênero, dialogando com a antropologia e sociologia para compreender as alternativas econômicas criadas por essas mulheres, a preservação da produção artesanal, sua cultura, mercado solidário e meio ambiente na região, além das permanências e transformações das origens indígenas dessas comunidades e populações da região.

Toda a produção e o trabalho com o coco de babaçu representam para essas mulheres simbolicamente o veículo de resignificação de suas identidades, cultura, a longa batalha pelo livre acesso a terra - babaçuais – e a preservação das palmeiras que, proporciona o sustento de centenas de famílias do Estado do Maranhão, Brasil (MATOS, Maria Izilda S. 1996: 25).

Por meio do trabalho agrícola familiar e as mini fábricas de beneficiamento dos subprodutos do coco de babaçu- sabonete, óleo e alimentos - essas mulheres, pretendem ainda interferir e ampliar as discussões sobre todas as questões relacionadas à preservação ambiental, não só das palmeiras de babaçu, fonte de subsistência, mas também da flora em geral, de onde provém remédios e essências exclusivas como a “Folha de Oriza” considerada uma marca importante na identificação das tradições populares da região.

Assim, esta pesquisa questiona e investiga, a história de uma gente de fibra, descendente dos índios, que sempre viveu da agricultura e do extrativismo, mas que durante os anos oitenta do século XX, passou a enfrentar intensos conflitos agrários, tendo que disputar suas terras com grupos de fazendeiros

que investiam na pecuária, desmatando a região e expulsando os trabalhadores da terra.

A ação das mulheres da ASSEMA, nesse sentido, é destacada por que conseguiram reunir mais outras sessenta associações individuais e dezesseis coletivas, como cooperativas, associações comunitárias de áreas de assentamento, grupos informais e sindicatos de trabalhadoras rurais, além da escola agrícola.

Em seus anos de existência, as mulheres integrantes da ASSEMA, por meio da experiência cotidiana, vêm contribuindo para a conquista do direito ao trabalho, organização em movimentos sociais, fortalecimento do direito à cidadania das famílias agroextrativistas, criação de iniciativas econômicas comunitárias, desenvolvimento sustentável, agricultura ecológica orgânica, combate ao êxodo rural com alternativas que ajudam as pessoas a permanecerem na terra conquistada e crescimento da consciência sobre a valorização da mulher.

Esses sujeitos históricos no dia-a-dia revelaram as dimensões do cotidiano na reelaboração de suas representações e identidades na sociedade.

A formação de uma identidade coletiva amalgamada pelo princípio de solidariedade é característica dos movimentos sociais, são ações sociopolíticas construídas por atores coletivos, no campo da sociedade civil. Essas ações se estruturam no interior de diversos conflitos vivenciados por determinados grupos.

Ainda sobre essa questão afirma-se que a possibilidade de integração das experiências individuais fragmentadas à coletividade, a solidariedade e o conseqüente reconhecimento dos atores coletivos, como sujeito, agente e integrante de uma comunidade

plena, encontram-se presentes na ação coletiva dos movimentos sociais.

Assim, muitas questões importantes se constituíram no decorrer da pesquisa, como por exemplo, as variadas formas de inclusão das mulheres quebradeiras de coco de babaçu no processo de organização da ASSEMA, a ampliação das suas vivências individuais, como se perceberam como sujeitos históricos, conseguiram reformular as suas vidas privada e pública, seus valores, como se estruturaram nas novas relações sociais e como o processo de organização dos movimentos sociais serviu como uma espécie de escola para os seus integrantes, nos quais as quebradeiras, em suas lutas cotidianas, aos poucos, adquiriram experiências e aprenderam a exercer sua cidadania (BORDIEU, Pierre. 1998: 53).

Nesse sentido, buscou-se também questionar como essa concepção de educação se fundamenta e se constitui como um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do processo de luta no cotidiano do movimento, onde a prática diária torna-se o maior veículo de desenvolvimento da educação, provocando descobertas e trazendo elementos novos para os integrantes da ASSEMA, que podem ir se articulando e proporcionando um processo de conhecimento, não isolado, coletivo, somando saberes e experiências, em que o que é novo está ligado aos saberes do passado e impulsiona a descoberta de novas etapas. (DURHAN, Eunice Ribeiro. 1984: 24 –30.)

Causa inquietação, desvelar essas questões e a compreensão por parte dessas mulheres de que a produção em grupo é mais rica e mais forte do que o produto de cada um isoladamente, além das múltiplas articulações utilizadas no interior do movimento,

durante a plantação, participação na ASSEMA, na Escola Rural e organização da produção.

No campo específico da luta pela melhoria de vida e de trabalho lidamos com o processo como forma de participação política dessas mulheres, a partir de processos complexos de ações coletivas, que refizeram as suas concepções de sociedade, de grupo, além da transformação das percepções das necessidades cotidianas individuais e de grupo, e poderes locais.

É na experiência do cotidiano que se pode assegurar a permanência do social, o conflito entre o individual e o social, o público e o privado, o lugar de combate, onde se quebram os preconceitos e inaugura-se um novo tempo, em que as mulheres e descendentes de índios são respeitadas e valorizadas igualmente aos homens brancos (MAFFESOLI, M., 1984: 45).

Essas mulheres em seu cotidiano, além da aceitação de entrar para um grupo, onde irão desenvolver regras que deverão ser aceitas e cumpridas conjuntamente, elas tem que se adaptar à nova vida, às novas regras, trabalho em equipe, decisões em conjunto, coordenação de associações, tarefas historicamente masculinas na região do Médio Mearim, Estado do Maranhão, Brasil.

Ao se referir do trabalho rural dessas mulheres, está se destacando também a categoria, cotidianidade que, cria o enigma e o confronto entre o drama da repetição do trabalho diário e mecânico com o desejo do vir-a-ser, do transformar-se e da criação de novas possibilidades de um novo ser (LEFÈBVRE, H. 1991: 34).

Assim, além das questões expostas esta pesquisa ainda investiga a participação cidadã das mulheres quebradeiras de coco de

babaçu, na utilização de instrumentos como a iniciativa popular para o aperfeiçoamento das articulações entre grupos e associações com a sociedade civil, o desenvolvimento de novas formas de propriedade em assentamentos, o trabalho e gestão de recursos por meio da co-gestão e cooperativização e a luta pela permanência de suas raízes culturais indígenas.

Bibliografia

- BELTRÃO, Jane Felipe. *Trabalhadoras do Brasil, Mulheres da Castanha: um estudo sobre o trabalho e o corpo*, ed. Brasiliense Fundação Carlos Chagas, 1990
- BARRACLOUGH, G. A. *História*. Trad. Maria Luísa Maia, Lisboa: Berthand, 1980.
- BLAY, Eva. *A luta pelo espaço*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.
- BOM, Meihy, José Sebe. *Manual de História Oral*, São Paulo, Loyola, 1996.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, Lisboa/Brasil, DIFEL BERTHAND, 1989. São Paulo, n° 47, mar, 1997.
- BRUSCHINI, Maria Cristina. *Trabalho das mulheres no Brasil; continuidade e mudanças no período 1985-1995*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.
- CALVINO, Ítalo. *A palavra escrita e a não escrita*, IN: Ferreira, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org). Usos e abusos da História Oral, Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- CHARTIER. Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa/Brasil, DIFEL/BERTHAND, 1990
- CORREIA, C.H.P. *História Oral: teoria e técnica*. Florianópolis, Ed. Univ. Federal de Santa Catarina, 1978.
- DEL PRIORI, Mary (org) e BASSANESI, Carla (coord. de textos) - *História das mulheres no Brasil*, São Paulo: Contexto, 1997.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1990.
- DUBY, Georges. *O historiador hoje*. In: *História Nova e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986.
- DURHAN, Eunice. *Movimentos Sociais, a Construção da Cidadania*, CEBRAP, Novos Estudos, no.10, 1984.
- GERUR-UFMA MIQCB. *Economia Do Babaçu, Levantamento Preliminar de Dados* 2ed.:MIQCB Balaios typographia, 2001.
- HOBBSAWM, E. *A outra história: algumas reflexões*, IN: KRANTZ, F. (org), *A outra história*, Rio de Janeiro, ZAHAR, 1990.

- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- HOFFMANN, Helga. *Desemprego e subemprego no Brasil*. São Paulo: Ática, 1977.
- JOUTARD, P. *Esas voces que nos llegan del pasado*, México, Fondo de Cultura Económica, 1986.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*, São Paulo, Ática, 1991.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: Identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.
- MATOS, Maria Izilda S. *Gênero: trajetória, impasses e perspectivas*, São Paulo, Editora UNESP, 1996.
- MEIHY, J.C.S.B.. *Manual de história oral*. 2ª ed., São Paulo, Loyola, 1998.
- PERROT, Michele. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SINGER, Paul; BRANT, Vinicius Caldeira (orgs.). *São Paulo: O povo em movimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.